



# **Projeto Mário Travassos**

**Artigo de Opinião**

**Ações pedagógicas na educação especial  
no ensino fundamental do Sistema Colégio Militar do Brasil**

**TC Bruno Lima Barcelos  
(Opinião de inteira Responsabilidade do autor)**

**2023**

Neste artigo de opinião, serão apresentadas experiências, ações pedagógicas e, ainda, sugestões a respeito da Educação Especial, especificamente referente aos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Tal estudo foi restrito aos alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental, a fim de proporcionar uma análise mais assertiva e adequada ao respectivo ano, tendo em vista ser a entrada no Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB). Por se tratar de um período de adaptação para todos os discentes, faz-se necessária uma maior preocupação com nossos alunos da Educação Especial. Ademais, este artigo não pretende sugerir ações para a Seção de Atendimento Educacional Especializado (SAEE), mas sim para os professores que atuam diretamente na sala de aula.

Ao ministrarmos aulas para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), devemos ter o conhecimento de que o TEA é uma condição neuropsiquiátrica complexa que afeta a comunicação social, comportamentos e interesses de uma pessoa. Tal conhecimento não deve ser restrito aos profissionais especialistas, mas deve ser de ciência de todos os profissionais do estabelecimento de ensino que possui alunos nesta condição. O TEA é um espectro porque os sintomas podem variar amplamente de uma pessoa para outra, tanto em gravidade quanto em apresentação. Desta forma, as ações pedagógicas devem variar conforme as necessidades individuais do aluno, seja por sua condição, seja pelo meio no qual se encontra (sala de aula, educação física, etc), seja, ainda, pelo momento em questão (aula, avaliação, trabalho em grupo, etc). Temos, também, inúmeros fatores externos que influenciam no processo de inclusão do aluno, que não serão elencados neste momento por se tratar de aspectos pessoais. A seguir, destacam-se algumas características típicas de crianças com cerca de onze anos (POSAR, 2018), idade média dos alunos do 6º Ano, no espectro autista:

1. Dificuldades de comunicação social: crianças com TEA podem ter dificuldades em entender e usar as habilidades sociais típicas, como fazer e manter amizades, compreender sinais não verbais (expressões faciais, tom de voz) e participar de conversas de forma apropriada.

2. Interesses e comportamentos restritos ou repetitivos: crianças com TEA podem apresentar padrões repetitivos de comportamento, interesses fixos e resistência a mudanças na rotina. Elas podem se envolver em comportamentos estereotipados, como movimentos repetitivos ou alinhamento de objetos.

3. Comunicação verbal e não verbal: algumas crianças com TEA podem apresentar atrasos no desenvolvimento da fala e da linguagem, enquanto outras podem ter habilidades verbais relativamente intactas. A comunicação não verbal, como contato visual e expressão facial, também pode ser desafiadora para algumas crianças com TEA.

4. Sensibilidade sensorial: crianças com TEA podem apresentar hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais, como luzes brilhantes, sons altos, texturas ou odores, o que pode afetar suas interações cotidianas e experiências em ambientes sociais.

5. Dificuldades escolares: crianças com TEA podem enfrentar desafios acadêmicos, principalmente em áreas que envolvem comunicação, interação social e adaptação a mudanças.

6. Habilidades especiais: muitas crianças com TEA têm habilidades especiais em áreas específicas, como matemática, música, arte, hiperfoco e interesse restrito.

7. Comportamentos desafiadores: algumas crianças com TEA podem exibir comportamentos desafiadores, como explosões de raiva, agressão, autolesão ou recusa em seguir regras.

Ao observarmos tais características elencadas, percebe-se que a conduta do docente é imprescindível para que ocorra a inclusão de tais alunos. Para tanto, devemos ter em mente que cada criança com TEA é única e requer uma abordagem individualizada para apoiar seu desenvolvimento. Intervenções comportamentais, educacionais e terapias podem ser benéficas para ajudar a melhorar habilidades sociais, comunicação, comportamentos adaptativos e o desempenho acadêmico, que devem ser promovidas por profissionais capacitados, sejam em clínicas especializadas, a critério da família, seja pela Seção de Atendimento Educacional Especializado, no ambiente escolar e, por fim, pelos professores, diretamente em sala de aula.

Apresentaremos, a seguir, ações pedagógicas, a serem aplicadas pelos docentes, eficazes na minimização das dificuldades apresentadas pelos alunos com TEA no ambiente escolar:

1. Uma apresentação das aulas de forma mais objetiva e dinâmica possível. De acordo com o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais - DSM-V), o TEA é caracterizado por déficits na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, além de serem observados padrões comportamentais restritivos e repetitivos. Desta maneira, a apresentação do conteúdo, de forma simples e objetiva, configura uma didática adequada para o aluno com TEA, posto que as atitudes das outras pessoas, geralmente, não despertam tanto interesse nestes indivíduos, quando comparados com outras crianças (MORAIS, 2012).

2. Evitar, sempre que possível, que os demais alunos emitam sons altos (por conversa, batidas na mesa, etc), pois sabe-se que, embora não seja característica diacrítica do transtorno, as disfunções sensoriais são comuns nas crianças diagnosticadas com TEA. Essas alterações dizem respeito a uma hipossensibilidade ou hipersensibilidade aos estímulos do ambiente e, além disso, nota-se uma habilidade reduzida no que diz respeito à integração multissensorial (POSAR; VISCONTI, 2018). Dessa forma, estímulos sonoros podem ser distratores ao aluno com TEA, visto que as alterações descritas anteriormente estão associadas a problemas de concentração e ansiedade.

3. Utilização de apoios visuais, como cartões com figuras ou palavras-chave que representem diferentes emoções ou frases comuns em interações sociais. Esses recursos visuais ajudam as crianças a identificar e expressar seus sentimentos e necessidades.

4. Criação de um ambiente inclusivo na sala de aula, onde todos os alunos se sintam respeitados e valorizados, de forma que a empatia e a compreensão entre os alunos sejam promovidas,

enfazando a importância da diversidade e da aceitação mútua. A psicoeducação dos discentes também é bastante interessante, principalmente com apoio da Seção Psicopedagógica.

5. Considerar a implementação de um programa de pares tutores, em que alunos típicos (neurotípicos) são designados para trabalhar em parceria com alunos com TEA. Os pares tutores podem apoiar as interações sociais, promovendo amizades e proporcionando oportunidades para a prática de habilidades sociais. É importante lembrar que tal ação não é adequada logo no início do ano letivo, pois, normalmente, ainda não ocorreu a interação que apresente quais os possíveis alunos mais aptos para este apoio.

Vale ressaltar que as aulas são ministradas para um grupo heterogêneo de alunos, cada um com suas particularidades e dificuldades. A finalidade do docente é sempre transmitir o conteúdo de maneira que todos possam ser alcançados. Dessa forma, faz-se necessária a inclusão do aluno com TEA no processo de ensino e aprendizagem, mas tendo em vista que a abordagem metodológica também deve abranger os demais alunos.

Ao possuímos um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) entre os matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental, é requerida uma adaptação metodológica para que as aulas possam despertar seu interesse e absorção do conteúdo de maneira eficaz. Ressalta-se que as adaptações serão realizadas com o objetivo de proporcionar a inclusão, de forma que as mudanças na metodologia não interferiram na aprendizagem dos demais alunos da classe. Cabe ressaltar, ainda, que a atuação do docente deve ter consonância com o trabalho realizado pela SAEE e pelos profissionais que por ventura atuem junto aos alunos fora do ambiente escolar.

Sabe-se que, entre os indivíduos diagnosticados com TEA, é comum a presença de Disfunção Sensorial (ou Transtorno de Processamento Sensorial), que pode estar diretamente relacionada a problemas de aprendizagem e de adaptação em ambientes como o escolar, por exemplo (POSAR; VISCONTI, 2018). Soma-se a isso o fato de que entre os diagnosticados com TEA existe uma predisposição a ter problemas de atenção (LÁZARO, 2016). Assim, é fundamental a adequação metodológica com a finalidade de promover a inclusão do aluno com TEA matriculado no 6º ano do Ensino Fundamental e propiciar o aprendizado mais eficaz possível. Outra medida fundamental é a capacitação mínima dos docentes que trabalham diretamente com tais alunos, a fim de conscientizá-los das características comuns a esses discentes.

Para os docentes, são medidas fundamentais: adaptar o modelo de atividades propostas durante a aula; adequar o tempo destinado às atividades; reduzir os estímulos sonoros durante a aula; organizar o volume de conteúdo ministrado de forma mais objetiva e dinâmica. Quanto à instituição de ensino, é interessante proporcionar formações aos profissionais que ministram aulas para os alunos com TEA.

A fim de promover o aprendizado de forma mais eficaz e buscar uma melhor utilização do tempo proposto para a aula, é essencial que a metodologia esteja bem adaptada, lembrando a questão inclusiva, particularmente com a presença de um aluno com TEA na turma, devendo utilizar-se dos recursos didáticos e das estratégias disponíveis. Neste caso, além da atuação direta em aula, o planejamento deve ser voltado para as necessidades dos alunos, com apoio da SAEE e autorizado pela Supervisão Escolar.

Quanto à formação específica, ela deve ser continuada para todos os docentes e demais colaboradores que têm contato direto com os alunos da educação especial. A formação deve ser oferecida pela instituição, ouvidos os especialistas e, também, os docentes. Outra medida eficaz é a reunião semanal, onde são abordadas as situações particulares de todos os alunos e, especialmente, daqueles com TEA. Ao serem seguidas estas ações mínimas, acreditamos que haverá ganhos significativos no processo ensino-aprendizagem de todos os alunos, principalmente aqueles da educação especial, já que estaremos buscando a mais eficaz inclusão desses alunos ao ambiente escolar.

#### REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** DSM-5. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LÁZARO, C. P. **Construção de escala para avaliar o comportamento alimentar de indivíduos com transtorno do espectro do autismo (TEA).** Tese (Doutorado em Medicina e Saúde Humana) – Escola de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2016.

MORAIS, T. L. de C. **Modelo teacch: intervenção pedagógica em crianças com perturbações do espectro do autismo.** Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Escola superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2012.

POSAR, A.; VISCONTI, P. **Sensory abnormalities in children with autism spectrum disorder.** *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 94, n. 4, p. 342-350, 2018.

Consulta ao sítio <<https://pubmed.com.br/autismo-veja-os-criterios-diagnosticos-do-dsm-v/>>